

Uma questão de sobrevivência

JOÃO BATISTA CESAR

Luiz Salvador, advogado trabalhista militante, foi o grande idealizador de um congresso internacional que reunisse pessoas de diferentes inserções sociais e de variadas formações; que tivesse como tema o mundo do trabalho, acidentes e doenças. Nascia a primeira edição deste Congresso, que em 2012, ocorreu em Salvador, como o I Congresso Internacional da ALAL sob coordenação da professora Petilda Serva Vazquez. Salvador teve uma vida de militância trabalhista e previdenciária relevante, interrompida por um AVC que o tirou de circulação nos últimos três anos. Mesmo assim, foi a grande figura por trás desta edição, que o homenageou ainda em vida. Ele faleceu logo depois do encerramento. “Lembrar da coragem do Luiz Salvador, das vitórias dele, é fundamental para inspirar a nossa atuação nesse momento tão sem esperança”, disse Maximiliano Garcez, também advogado e um dos organizadores do evento, em referência à reforma trabalhista que está destruindo os direitos que Luiz tanto defendeu.

“A luta em defesa dos direitos do trabalho tem sido sempre uma poderosa forma de resistência dos trabalhadores ao avanço do capital. Pela defesa deles, os trabalhadores se mobilizam e lutam permanentemente. O modelo econômico neoliberal globalizado impõe ao mundo esse sistema de aumento de produtividade, maximização dos lucros ao menor custo operacional possível. Com isso, ruiu os avanços sociais conquistados, ‘O Estado do Bem Estar Social’. Agora a meta é outra. Flexibilização, precarização laboral a pretexto de manutenção dos empregos, tal como vem exigindo o patronato, que reivindica a aprovação das terceirizações sem limite em todos os setores da vida nacional” - ponderou Luiz Salvador em uma entrevista, uma declaração que resume o ponto central de sua luta.



Luiz Salvador nasceu em São Paulo, em 1940, mas radicou-se em Curitiba. Formou-se em Direito na Universidade Federal do Paraná, em plena ditadura militar e, como advogado, passou a defender apenas trabalhadores a partir de 1973, quando se formou. Na época, também concluiu o curso de Letras e foi presidente do Sindicato dos Bancários de Curitiba. Fundou junto com Edésio Franco Passos, já falecido, um escritório de advocacia - trabalhista e previdenciária - que só atuava na defesa de trabalhadores. Quem conta a história é seu irmão e sócio neste escritório, Olímpio Paulo Filho.

“Lembrar da coragem do Luiz Salvador é fundamental para inspirar a nossa atuação.”

Luiz foi presidente da Associação Brasileira de Advogados Trabalhistas por duas gestões; presidiu a Associação Latino Americana de Advogados Trabalhistas; mas foi a organização do Congresso que marcou seus últimos anos de vida. O irmão Olímpio diz que a principal preocupação do irmão naquele momento era com a obrigatoriedade de o trabalhador arcar com os custos processuais em caso de perda da ação, a chamada sucumbência. Com a sucumbência, conforme conta Olímpio, Luiz diz que o trabalhador passa a ter medo de lutar por seus

direitos e ser, depois, obrigado a arcar com os custos processuais. Assim, há que se ter toda atenção, pois ao lutar por seus direitos, na nova legislação o trabalhador pode ir à ruína.

Maximiliano ressalta o carinho de Luiz em aglutinar as pessoas. “Vejo aqui companheiros e companheiras que se tornaram amigos e combatentes por conta do Luiz Salvador. Tantos sindicalistas que a gente conhece, tantas pessoas que a gente conhece, os canadenses tem uma profunda admiração pelo seu trabalho”, disse Maximiliano. Luiz teve uma atuação internacional relevante; como jurado no Tribunal Mundial da Liberdade Sindical fez um trabalho fundamental na Comissão de Relações Internacionais da OAB, como presidente da Associação Brasileira de Advogados Trabalhistas abriu novas fronteiras; foi ainda presidente da Associação Latino-americana de Abogados Laboralistas, e um dos líderes que promoveu a resistência vitoriosa à Alca.

“Gostaria realmente de destacar o papel do Luiz Salvador, de aglutinador de pessoas, gente que foi se encontrando e formando uma rede. Foi por meio dele que acabei me engajando nessa ideia de redes, e redes cada vez maiores, para a gente resistir e lutar. Realmente Luiz Salvador é uma pessoa que mora no nosso coração”, disse Maria Maeno, organizadora do evento.

Como uma garça no pântano

A socióloga Marielle Franco nasceu na favela da Maré, um dos palcos da violência diária que atinge a população pobre e periférica da cidade do Rio de Janeiro. Quando foi brutalmente assassinada, em março de 2018, cumpria o mandato de vereadora pelo PSOL e vinha de uma militância longa e consistente em prol dos direitos humanos. Depois da graduação, na PUC-Rio, tornou-se mestre em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com o estudo *UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. Na dissertação, avalia o modelo de segurança pública do Rio como fundado no reforço do chamado estado penal, com foco na repressão dos mais pobres.

Sua história pessoal, de forma lamentável, repetiria outra que ela viu ainda na adolescência e que a fez abraçar a militância. Marielle perdeu uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no complexo da Maré, quando havia acabado de se inscrever em um pré-vestibular comunitário. Depois disso trabalhou em entidades de sociedade civil como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm); e coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), juntamente com Marcelo Freixo. Tornou-se mãe aos 19 anos. Na noite em que morreu, havia participado de um evento chamado Jovens Negras Movendo as Estruturas, na Rua dos Inválidos, na Lapa. O motorista do veículo, Anderson Pedro Gomes, também foi baleado e morreu.

Marielle se movia em um cenário onde ocorreram, segundo dados do 12º anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 63.880 mortes em 2017, divulgado pelos jornais do dia nove de agosto, poucos dias antes do Congresso. Um número que é recor-

de histórico segundo os jornais. Isso dá 175 assassinatos por dia, sete por hora; significa um aumento de 2,9% em relação a 2016. Os estupros aconteceram 8,4% mais de um ano para o outro. E as mortes provocadas pela polícia saltaram para 5.144, 20,5% a mais do que em 2016. Isso representa 14 pessoas assassinadas por policiais por dia no País.

Estes números estão impactados por grandes rebeliões nos presídios, resultado de conflitos entre as facções criminosas – entre si e com a polícia-, como o que matou a amiga de Marielle e que segundo a análise que abre o Anuário, se consolidou no controle dos presídios do país todo nos últimos anos. No ano de 2017, as brigas entre facções criminosas causaram, já no

primeiro dia do ano, 56 homicídios no interior do Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj), em Manaus.

O alvo em 56,5% dos homicídios registrados na última década (2006-2016) foram homens jovens, que tinham entre 15 e 19 anos, segundo o Atlas da Violência 2018, um estudo feito pelo Fórum em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e vinculado ao Anuário.

São 33.590 jovens, 94,6% deles garotos, mortos de forma violenta e não natural neste período; o que representa um aumento de 23,3% com relação a 2016.

Crimes envolvendo mulheres também chamaram a atenção dos analistas, com registros de crescimento dos homicídios – 6,5% com



Mídia Ninja

Mulher, negra, favelada. E guerreira!

Quem falou sobre a importância de sua luta foi Rachel Moreno, sua colega na militância por questões de gênero.

RACHEL MORENO

Quem foi Marielle? Ela se lança candidata em 2016, motivada pela necessidade de que as mulheres estejam na política. Pela necessidade de combater o racismo, para mostrar que uma mulher negra e favelada pode e deve ocupar os espaços de poder. Quem diz isto é Tarcísio Motta, vereador do PSOL e vizinho de gabinete da Marielle. A vereadora defendeu a causa das mulheres, dos negros e LGBTs. E representava 46.000 votos que obteve nas eleições 2016, tornando-se a quinta parlamentar mais votada do Rio de Janeiro. Marielle era crítica feroz da intervenção Federal que se estabeleceu no Rio de Janeiro em fevereiro de 2018. Frequentemente ela denunciava a polícia militar, por matar gente inocente nas comunidades mais pobres do município.

Por ela e
por todas nós

Morreu Marielle. Morreu assassinada e até hoje não se sabe quem mandou, quem executou. Mas enfim, as blogueiras feministas com quem eu me identifico também, escreveram um texto do qual transcrevo duas frases aqui e que dizem muito o que eu penso: O recado está dado e nós escutamos. Ser mulher negra, da favela e ousar levantar a voz para denunciar a violência policial e o fascismo crescente da política nacional é sentença de morte.

Lugar de mulher
é onde ela quiser

O recado está dado, nós escutamos, nós entendemos. E não recuaremos, não nos calaremos, não aceitaremos desculpas, nem esperamos pelo fim das investigações. Para nós, a morte de Marielle deixa claro que a ocupação das favelas pelo exército

relação a 2016, atingindo o número de 4.473. Deste total, 946 foram feminicídios. E também de estupros, que de forma trágica atinge preferencialmente crianças. O estudo mostra que em 50,9% dos casos de estupro em 2016, as vítimas tinham menos de 13 anos. Os adultos foram 32,1% dos casos, e adolescentes, 17%. Em 83,9% dos casos, portanto, a vítima era menor e vulnerável. O mais grave no entanto, é que ainda segundo os analistas e pesquisadores que participaram do estudo, estes números podem estar subnotificados.

As polícias brasileiras recolheram um total de 49.497 registros de estupros em 2016, mais do que o dobro dos casos atendidos no Sistema Único de Saúde (SUS), que foi de 22.918 casos naquele ano. Do total registrado pela polícia, 13 mil ocorreram na casa da pessoa violentada e em 78,6% deles, por pessoa conhecida da vítima.

Os pesquisadores consideram que se a taxa brasileira de subnotificação for próxima à estimada nos Estados Unidos, em 15%, sofremos com algo em torno de 400 mil estupros anuais.

Marielle lutava, na Câmara, em busca de saídas e de proteção para estes grupos, e a primeira e principal batalha era superar a invisibilidade, ou a subnotificação, que não ocorre apenas nos casos de estupro. Na relação cotidiana da população das favelas cariocas com as polícias “pacificadoras”, a população sofre todo tipo de violação de direitos. Têm procurado se defender por meio das associações de bairro, que se reúnem em fóruns e redes para troca de experiência, informações e ajuda.

Estes grupos se mobilizaram para cobrar a solução do caso, ainda sem nenhum resultado até o momento do Congresso.



deve terminar imediatamente, que a desmilitarização da Polícia já deveria ter sido implementada. E que o poder executivo, usurpado em 2016, deve ser deposto agora.

A morte de Marielle deixa transparente e cristalina a cara fascista da ditadura que governa o Brasil. A dor pela morte dela é imensa, mata um pouco de cada uma de nós.

Marielle Franco
presente

O vazio é enorme, mas o que eles não sabem é que a Marielle era gigante e carregava as pessoas que lutava junto com ela.

O vazio é enorme, mas o sentimento de revolta também. Enquanto as nossas lágrimas caem, nós nos organizamos e lutamos. Vocês não vão matar o que Marielle defendia, ou terão que matar todas nós. E nós somos muitas: cerca de 50 mil pessoas foram para a rua no Rio em protesto contra a morte dela, e outras 30 mil em São Paulo, em manifestação para repudiar os assassinatos.

Projetos de lei

Assédio não é passageiro

Não faz sentido ser assediada no transporte.

Casas de parto

Para estimular a criação de casas de barco nas zonas de menor índice de desenvolvimento humano do município.

Espaço coruja

Espaço infantil noturno, para atender pais e mães que trabalham ou estudam à noite e que precisavam um local seguro para os filhos.

Joelma A. Tribuna



A minha luta é aquela alegre

do diretório regional do partido, foi secretário de saúde de Bauru. Coordenou a campanha vitoriosa de Telma de Souza à prefeitura de Santos em 1988. Torna-se secretário da Saúde e chefe de gabinete da prefeita petista. Em 92, eleger-se prefeito de Santos, onde faz uma gestão que marca a vida da cidade. Ainda secretário, o seu enfrentamento aos métodos violentos utilizados a Casa de Saúde Anchieta para tratamento mental, impulsionou e deu grande visibilidade ao movimento antimanicomial no Brasil. As medidas adotadas por ele no enfrentamento da AIDS na cidade tornam-se referência, entre elas o programa de redução de danos (que inclui a distribuição de seringas a viciados e camisinhas aos profissionais do sexo). Como prefeito, criou programas que se tornaram depois, nacionais, como a urbanização de favelas, o “Toda Criança na Escola”, precursor do Bolsa Família, de saúde da mulher e para redução da mortalidade infantil; de saúde bucal e de internação domiciliar.

Em 1979, em meio à militância de vida inteira, passou a lutar também contra uma leucemia. Sua luta como médico foi sempre no sentido de tornar a saúde um direito inalienável de todo o cidadão, fazer do tema saúde uma prioridade nacional. “Em saúde não podemos trabalhar com a perspectiva de longo, médio prazo. A criança que tem um problema agora, em pouco tempo não é mais criança, perdeu a infância. Temos de trabalhar com pressa. O contrário disso é insensibilidade diante do sofrimento”, disse em uma de suas últimas aparições, em 2000, no Congresso de Saúde Coletiva da Abrasco. Se teve uma vida dura, uma vida de luta, David Capistrano manteve uma relação de ternura com a vida até sua morte.

Sobre a luta antimanicomial

www.ccs.saude.gov.br/vpc/reforma.html

Crônicas sobre David

www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0134/NOR0134_09.PDF

Memorial

www.obore.com.br/momorial/david_capistrano

JOÃO BATISTA CESAR

A vida de David Capistrano da Costa Filho, homenageado neste Congresso, confunde-se com o tempo que viveu. Nasceu no Rio Grande do Sul, na clandestinidade, em 1948. O Partido Comunista havia sido colocado na ilegalidade no ano anterior e seus pais, o pernambucano David Capistrano da Costa e a mãe Maria Augusta, eram quadros importantes do partido. O pai era comunista histórico, que havia lutado na Guerra civil espanhola, e a mãe era dirigente do partido na Paraíba. Só em 1956, com a chegada ao poder de Juscelino Kubitschek, os comunistas passam a ser tolerados e os capistranos podem voltar ao Recife. Passam a viver a vida de sempre. Ou seja, de militância. Inclusive o jovem David que, em 1962, aos 14 anos, junto com outros 25 colegas milita na base comunista existente no Colégio Estadual de Pernambuco.

Aos 17 anos, David vem para o Sul. Era o governo Jango Goulart e a população está mobilizada por reformas. Passa a desenvolver intensa atividade entre São Paulo e Rio de Janeiro, que logo o põem em evidência. O golpe, entretanto, estava sendo armado e, em 1964, instaura-se a ditadura que, desde os primeiros momentos, emprega uma violência desmedida para se manter no poder. Seu grande amigo no Colégio Estadual de Pernambuco, Jonas Augusto, morre metralhado

numa passeata, onde também foram atingidas mortalmente mais três pessoas. David entra na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde vai se formar sanitarista.

O velho David foi para a clandestinidade e a mãe, presa; o jovem David levado a um quartel do Exército e depois para o juizado de menores. Mas logo foi solto e passou a ser visto reorganizando o movimento secundarista, pichando muros com as palavras de ordem do partido, liderando passeatas, participando dos debates intermináveis sobre como organizar a resistência. A esquerda estava dividida quanto a melhor forma de enfrentar a ditadura. Parte da militância quer ir para a luta armada, enquanto outros preferiam continuar na estratégia de resistência tradicional. David ocupa um cargo na executiva estadual do Partido Comunista e vai optar pela resistência armada contra a ditadura. Em 1974 é um tipo visado pela repressão e não pode mais permanecer no Rio de Janeiro. Muda-se para São Paulo, onde acaba preso em 1975. Na cadeia ajuda na reconstrução da ala paulista do partido. Torna-se, então, uma das principais lideranças do PC.

Desgastado com constantes divergências com a velha guarda do partido, David vai se aproximar dos militantes que pretendem fundar o Partido dos Trabalhadores. Em 1983, rompe com o PC e em 1986 entra no PT. Membro